

Investimento recorde e indústria fazem economia crescer 5,8%

Em relação ao fim do ano passado, PIB subiu 0,7%, o que denota uma diminuição no ritmo de avanço das riquezas do país

Publicado em 11/06/2008 | *Cynthia Scheffer, com agências*

- [Fale conosco](#)
- [RSS](#)
- [Imprimir](#)
- [Enviar por email](#)
- [Receba boletins](#)
- [Aumentar letra](#)
- [Diminuir letra](#)

O Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas no Brasil, foi de R\$ 665,5 bilhões no primeiro trimestre de 2008, um crescimento de 5,8% em relação a igual período do ano passado, segundo dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O principal motor da elevação foi a indústria, cujo PIB cresceu 6,9%. Em relação ao fim do ano passado, no entanto, a economia brasileira cresceu 0,7% – o que representa uma desaceleração, uma vez que houve expansão de 1,6% entre o terceiro e o quarto trimestres do ano passado e de 1,8% entre o segundo e o terceiro trimestres de 2007.

Os investimentos, ou formação bruta de capital fixo (FBCF), cresceram 15,2% no primeiro trimestre deste ano em relação ao mesmo período de 2007 e registraram o 17ª expansão nessa base comparativa. Enquanto isso, a taxa de investimento (relação entre a FBCF e o PIB) ficou em 18,3%, a maior para o mesmo período desde 2001.

- Saiba mais
- [Variação do Produto Interno Bruto](#)

Construção puxa PIB com força

A construção civil foi uma das principais responsáveis pelo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro no primeiro trimestre do ano, segundo os dados do IBGE. O setor teve crescimento de 8,8% de janeiro a março, na comparação com o mesmo período de 2008 – na maior taxa desde o segundo trimestre de 2004, quando o aumento foi de 10,6%.

“A construção civil foi o segmento que mais cresceu de toda a indústria no período. Este desempenho ainda esteve basicamente ligado ao crescimento do setor imobiliário”, disse o presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil de São Paulo (Sinduscon-SP), João Claudio Robusti.

Para o analista da Tendências Consultoria Integrada, Amaryllis Romano, o desempenho do setor ficou “completamente dentro do esperado”. “O segmento imobiliário residencial está bombando, e o crescimento econômico gera construção industrial.”

No Paraná, a expectativa é ainda mais otimista. O vice-presidente do Sinduscon-PR, Normando Baú, diz que o setor espera dobrar o volume de lançamentos imobiliários ao longo deste ano, na comparação com os números de 2007. “Além disso, as obras do PAC [Programa de Aceleração do Crescimento, do governo federal] estão saindo do papel e contribuindo para o crescimento do setor.”

Segundo dados do Sinduscon-PR, no primeiro quadrimestre deste ano o número de lançamentos imobiliários cresceu 90% – ao total foram 1.405 unidades em empreendimentos verticais. No mesmo período, o número de alvarás liberados cresceu 50% na comparação com o acumulado entre janeiro e abril de 2007.

Segundo a gerente de contas trimestrais do IBGE, Rebeca Palis, o crescimento do PIB industrial foi ocasionado, principalmente, pela construção civil e pela indústria de transformação. A construção civil registrou crescimento de 8,8% no primeiro trimestre deste ano, na comparação com igual período do ano passado – foi a maior expansão desde o segundo trimestre de 2004. De acordo com Rebeca, o bom desempenho da construção foi “bastante influenciado” pelo crescimento de 24,6%, em termos nominais, do crédito direcionado ao setor de habitação.

Copom

Apesar de o primeiro aumento dos juros básicos ter ocorrido somente em abril, na opinião do economista José Luis Oreiro, da Universidade de Brasília (UnB), a desaceleração do ritmo de crescimento do PIB, já é, de certa forma, resultado das medidas adotadas pelo Copom. “A economia funciona por expectativas. E ainda no fim do ano passado já se falava em aumento da Selic.” Oreiro acredita que o PIB brasileiro termine o ano com uma taxa de crescimento entre 4,5% e 5%.

Para o economista José Guilherme Silva Vieira, professor da Escola de Negócios da Universidade Positivo, trata-se de uma “mudança no estado de confiança” do consumidor e do investidor. “A tendência de alta de taxa de juros é algo preocupante e faz com que as decisões de investimento e de consumo sejam adiadas”, diz. “Além disso, o nível de endividamento das famílias está alto, justamente pela explosão de crédito e pelo consumo recente. E o aumento da inflação, em especial dos alimentos, faz com que sobre menos dinheiro para comprar outros bens. Não dá para esperar um ciclo sempre continuado.”